

# A CEIA DO SENHOR

J. C. RYLE



Projeto  
**Ryle**

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

# A Ceia do Senhor

J. C. Ryle

# A Ceia do Senhor

Capítulo extraído do livro *Knots untied*, de  
*John Charles Ryle*

1º Bispo da Diocese da Igreja da Inglaterra em Liverpool

Publicado em 1877, republicado em 1900.

O Sacramento da Ceia do Senhor é um assunto da religião cristã que exige um tratamento muito cuidadoso. Eu o abordo com reverência, temor e tremor. Não posso me esquecer de que estou pisando em solo muito delicado. Há muita coisa ligada ao assunto, que é ao mesmo tempo difícil, doloroso e suscita humildade.

É doloroso pensar que uma ordenança estabelecida por Cristo para o nosso benefício tenha sido profanada pelo alarido e fumaça da polêmica teológica. É inegável que nenhuma outra ordenança tenha provocado tamanha polarização e discórdia, e tenha se tornado o motivo de contenda entre os teólogos polêmicos. Tamanha é a corrupção do homem caído que aquilo que foi “ordenado para a nossa paz” tenha se tornado “pedra de tropeço”.

Provoca humildade lembrar que homens de opiniões opostas escreveram volumosos compêndios sobre a Ceia do Senhor sem produzir o menor efeito nas opiniões de seus adversários. Livros suficientes para encher carroças e mais carroças foram publicados durante os últimos três séculos e despejados sobre o abismo que separa os contendores, em vão. Como o *Pântano do Desânimo no Peregrino*, ainda é um enorme canyon. Não levanto maior prova de que a queda de Adão tenha afetado o entendimento, assim como a vontade do homem, do que o atual estado dividido da cristandade acerca da Ceia do Senhor.

É difícil saber como lidar com tal assunto sem esgotar a paciência dos leitores. É difícil saber o que dizer, e o que deixar por dizer. O campo foi tão completamente esgotado pelas obras de vários mestres em Israel, que é literalmente impossível trazer a lume algo que seja novo. O máximo que posso esperar conseguir é condensar alguns antigos argumentos. Se eu puder sintetizar algumas coisas antigas e apresentá-las aos meus leitores em um formato acessível e compacto, dou-me por satisfeito.

No presente trabalho deverei contentar-me com dois argumentos, e dois somente:

**I** – demonstrarei a intenção original da Ceia do Senhor.

**II** – demonstrarei a posição que a Ceia do Senhor deveria ocupar.

De qualquer forma, uma coisa me é bem clara: é impossível superestimar a importância do assunto. Eu tenho uma forte e crescente convicção de que o erro acerca da Ceia do Senhor é um dos erros mais comuns e perigosos do tempo presente. Suspeito que mal saibamos do quanto opiniões malsãs deste Sacramento prevaleçam, tanto entre o laicato como entre o clero. Elas são a raiz oculta de 90% do ritualismo extravagante que, como uma neblina, tem se espalhado em nossa Igreja. Ao menos aqui, todos os ministros cristãos devem ser zelosos pelo Senhor Deus dos Exércitos. Nosso testemunho deve ser claro, distinto e inconfundível. Nossas trombetas não devem dar som incerto. Os filisteus estão sobre nós. A arca de Deus está em perigo. Se amamos a verdade por residir ela em Jesus, se amamos a Igreja da Inglaterra, devemos lutar valorosamente pela fé uma vez entregue aos santos, no tocante à Ceia do Senhor.

### I – Em primeiro lugar, *qual era a intenção original da Ceia do Senhor?*

Esta questão não pode receber uma melhor resposta geral do que aquela de nosso bem conhecido Catecismo da Igreja. Falta simplicidade a este famoso formulário, infelizmente repleto de palavras difíceis e termos metafísicos da Escolástica, embora permaneça digno de toda a honra por suas declarações acerca dos Sacramentos. Nossos professores de Escola Dominical podem não compreender corretamente o Catecismo, e reclamar, com razão, que é preciso outro catecismo para explicá-lo! No final das contas, porém, suas definições possuem uma precisão lógica e exatidão doutrinária que todo teólogo bem instruído deve reconhecer e apreciar. Corretamente empregado, eu sustento que o Catecismo da Igreja é uma arma eficaz contra o semi-romanismo. Interpretado honestamente, ele subverte totalmente o sistema dos ritualistas.

A primeiríssima pergunta do Catecismo sobre a Ceia do Senhor assim segue: “Por que foi ordenado o Sacramento da Ceia do Senhor?” A resposta fornecida é a seguinte: “Para a memória continuada do sacrifício da morte de Cristo, e dos benefícios que dela recebemos.” Este é um texto sadio, que não pode ser condenado. Fundamentado na linguagem direta das Sagradas Escrituras, contém a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade (Lc. 22.19; I Co. 11.24).

É a intenção do Senhor Jesus Cristo que a Ceia do Senhor seja uma lembrança<sup>1</sup> contínua pela Igreja de sua morte expiatória sobre a Cruz. O pão, partido, dado e comido, deveria lembrar os cristãos de Seu corpo

---

<sup>1</sup> Permita-me o leitor recordar que a doutrina da Liturgia da Comunhão está em precisa harmonia com a de nosso Catecismo. Destaquemos as seguintes expressões:

“De modo que devemos sempre **recordar** o imenso amor de nosso Mestre e único Salvador Jesus Cristo, que assim morreu por nós, e os inumeráveis benefícios que pelo verter de seu sangue ele obteve em nosso favor: Ele instituiu e ordenou santos mistérios como penhores de seu amor, e para memória perpétua de sua morte, e para nosso incessante consolo.” “Ele instituiu, e em seu Santo Evangelho nos ordena a continuar um memorial perpétuo de sua preciosa morte até a sua volta”. “Tomai e comei, em recordação de que Cristo morreu por vós”. “Bebei, em recordação de que o sangue de Cristo foi vertido por vós.”

dado por nossos pecados. O vinho, derramado e bebido, deveria lembrar os cristãos de Seu sangue vertido por nossos pecados.

O Senhor Jesus sabia o que havia com o homem. Ele sabia bem da escuridão, lentidão, frieza, dureza, estupidez, orgulho, auto-engano, preguiça e pretensão de donos da verdade, da natureza humana em assuntos espirituais. Assim, ele cuidou para que sua morte pelos pecadores não fosse apenas registrada por escrito na Bíblia (ou ela poderia, assim, ser trancafiada em bibliotecas) ou deixada para os ministros proclamarem do púlpito (pois assim poderia ser detida por falsos mestres), mas ela deveria ser exibida em sinais e emblemas visíveis, no pão e no vinho em uma ordenança especial. A Ceia do Senhor era uma garantia contra a memória fraca do homem. Enquanto permanecer o mundo em sua ordem atual, aquilo que é feito à Mesa do Senhor proclama a sua morte até que ele venha (I Co. 11.26).

O Senhor Jesus Cristo bem sabia da inenarrável importância de sua própria morte pelo pecado como pedra fundamental da religião escriturística. Ele sabia que sua própria satisfação pelo pecado como nosso substituto – Seu sofrimento pelo pecado, o Justo pelos injustos, Seu pagamento de nossa enorme dívida em Sua própria pessoa, Sua completa redenção de nós outros pelo Seu sangue – Ele sabia que essa era de fato a raiz do cristianismo, capaz de salvar e satisfazer as almas. Sem isto Ele sabia que Sua encarnação, milagres, ensinamentos, exemplo e ascensão não poderiam fazer qualquer bem ao homem; sem isto ele sabia que não haveria justificação, nem reconciliação, nem esperança, nem paz entre Deus e os homens. Sabendo de tudo isto, ele cuidou que sua **morte**, ao menos, não deveria ser esquecida. Ele cuidadosamente estabeleceu uma ordenança, pela qual, por figuras vivas, seu sacrifício na cruz fosse mantido em memória perpétua.

O Senhor Jesus Cristo bem sabia da fraqueza e enfermidade mesmo do mais santo dos crentes. Ele sabia da absoluta necessidade de mantê-los em íntima comunhão com Seu sacrifício vicário, como Fonte de Sua vida interior e espiritual. Assim, Ele não apenas deixou para eles promessas nas quais suas memórias se alimentassem, e palavras que pudessem trazer à mente; Ele misericordiosamente providenciou uma ordenança pela qual a verdadeira fé pudesse ser desperta, pela contemplação dos vivos emblemas de Seu Corpo e Sangue, e por cujo uso os crentes pudessem ser fortalecidos e renovados. O fortalecimento da fé dos eleitos de Deus na expiação é um grande propósito da Ceia do Senhor.

Agora volto-me do lado positivo para o lado negativo da questão, em verdadeira dor e relutância. Mas é meu claro dever fazê-lo. Os ministros, como os médicos, devem estudar a doença, assim como a saúde, e demonstrar o erro assim como a verdade. Permitam-me, então, tentar demonstrar quais *não* são os objetivos da Ceia do Senhor.

1. *Jamais foi a intenção que ela fosse considerada um sacrifício. Jamais foi a intenção que nós crêssemos que qualquer transformação ocorre com os elementos do pão e do vinho, ou que haja qualquer presença corpórea de Cristo no Sacramento.* Tais coisas não podem, jamais, ser justa e honestamente extraídas das Escrituras. Sejam examinadas imparcialmente as três narrativas evangélicas da Instituição, em Mateus, Marcos e Lucas, e aquela dada por Paulo aos Coríntios, e não tenho dúvidas quanto ao resultado. Elas ensinam que não há sacrifício, não há altar, não há mudança na substância dos elementos: o pão após a consagração ainda é, literal e verdadeiramente, pão; o vinho, após a consagração, é verdadeira e literalmente vinho. Em parte nenhuma do Novo Testamento vemos o ministro cristão chamado de sacerdote, e em parte nenhuma encontramos qualquer menção a sacrifício, senão aos de oração, de louvor e de boas obras. O último sacrifício literal, somos repetidamente informados na Epístola aos Hebreus, é aquele sacrifício consumado, de uma vez por todas, por Cristo na Cruz.

Sem dúvida, agrada a tais polemistas como o finado Cardeal Wiseman tomar textos como “*Este é meu corpo*” e “*Este é meu sangue*” como provas de que a Ceia do Senhor é um sacrifício. Contudo, alguém que se satisfaça com isso é alguém fácil de satisfazer, de fato! O citar de uma frase isolada é um meio de argumentação que serviria a legitimar até o arianismo ou o socinianismo. O contexto dessas famosas frases mostra claramente que aqueles que as ouviram empregadas as compreenderam como “*Isto representa meu corpo*” e “*Isto representa meu sangue*”. A analogia com outras passagens demonstra que “*ser*” com frequência significa “*representar*” nas Escrituras. Paulo, ao escrever sobre o Sacramento, chama expressamente o pão consagrado de “*pão*”, e não de *Corpo de Cristo*, nada menos do que três vezes (I Co. 11.26, 27, 28). Acima de tudo, permanece o irretorquível argumento de que, se Nosso Senhor estava de fato segurando Seu Corpo em suas mãos quando disse do pão “*Este é meu corpo*”, Seu corpo deve ter sido bem diferente daquele dos homens comuns. É claro, se Seu corpo não era como o nosso, Sua própria e real humanidade se encerram. Nesse compasso, a bendita e consoladora doutrina da total identificação de Cristo com Seu povo, como verdadeiro homem, estaria completamente subvertida, e cairia por terra.<sup>2</sup>

Mais uma vez, pode agradar a alguns considerar o capítulo 6 de João, onde Nosso Senhor fala de “*comer sua carne e beber o seu sangue*” como prova de que há uma presença corpórea literal de Cristo no pão e no vinho na Ceia do Senhor. Porém, há uma total ausência de provas conclusivas de que este capítulo de fato se refere à Ceia do Senhor. Aquele que sustentar que ele de fato se refere à Ceia do Senhor encontrar-se-á envolvido em consequências bastante constrangedoras. Ele condena à morte eterna todos quantos não recebem a Ceia do Senhor. Ele eleva à vida eterna todos quantos a recebem. Basta dizer que a maioria dos comentaristas protestantes nega de todo que o capítulo se refira à Ceia do

---

<sup>2</sup> Que o corpo de Nosso Senhor não seria um corpo real como o nosso era a doutrina favorita dos hereges chamados “apolinários”, na Igreja antiga.

Senhor, e que mesmo alguns comentaristas romanistas concordam com eles neste ponto.<sup>3</sup>

**2.** Passo a outra visão negativa do assunto. *A Ceia do Senhor jamais pretendeu conferir benefícios aos comungantes ex opere operato, ou seja, por virtude da mera recepção formal da ordenança.*<sup>4</sup> Não deveríamos crer que ela produz qualquer bem a qualquer um, senão aos que a recebem com fé e entendimento. Não se trata de um remédio ou simpatia que funciona mecanicamente, independentemente do estado mental em que é recebido. Não pode, por si mesma, conferir graça, onde graça já não existir antes. Ela não converte, justifica ou comunica bênçãos ao coração de um descrente. Não é uma ordenança para os mortos, mas para os vivos; não para os descrentes, mas para os que creem; não para o pecador impenitente, mas para o santo. Quase que me envergonha ter de gastar tempo escrevendo declarações tão batidas e bem-sabidas como estas. A Palavra de Deus testifica claramente que alguém pode chegar-se à Mesa do Senhor e “comer e beber indignamente”, e assim “comer e beber juízo para si” (I Co. 11.27, 29). A tal testemunho, eu não acrescentarei uma só palavra.

**2.** Eu só farei menção a mais um ponto do lado negativo do assunto. *Jamais foi a intenção que a Ceia do Senhor fosse uma mera festividade social que indicasse o amor que deveria existir entre os crentes.* Jamais deveríamos considera-la sob esta fria e parca luz. A noção do autor de *Ecce Homo*<sup>5</sup>, que “a comunidade cristã é um jantar de clube social” não é apenas degradante, mas também não pode ser reconciliada com as palavras de seu Fundador, no momento de sua instituição. “Alimentar-se do caráter de Cristo” (cito o famoso livro) é uma ideia que pode satisfazer um sociniano, ou qualquer um que rejeite a doutrina da expiação. Mas o verdadeiro cristão, que se alimenta especialmente da morte vicária de Cristo, e não de seu caráter, contemplará aquela morte proeminentemente exibida na Ceia do Senhor, e verá sua fé naquela morte fortificada pela participação no Sacramento. A intenção era transportar sua mente de volta ao sacrifício uma vez feito no Calvário, e não meramente à encarnação; e nada menos que isso satisfará o coração de um verdadeiro cristão.

Ora, acabo de afirmar qual a posição que, creio, devemos manter acerca do Sacramento da Ceia do Senhor. Negativamente, ela não deveria ser uma mera reunião social, nem ainda um sacrifício, nem tampouco uma ordenança que confira graça *ex opere operato*. Positivamente, a intenção é que ela seja “*uma lembrança contínua do sacrifício da morte de Cristo*” e um fortificante e restaurador dos verdadeiros crentes. Esta posição pode parecer simplória a alguns, tão simples que fique aquém da

---

<sup>3</sup> Aqui, ousou encaminhar meus leitores a meu *Comentários no Evangelho de João*, onde encontrarão um sumário condensado de minhas opiniões, nas notas ao capítulo 6.

<sup>4</sup> Convém lembrar que estas três palavras latinas *ex opere operato* significam simplesmente “em razão da obra realizada”.

<sup>5</sup> Friedrich Nietzsche [N.T.].

verdade. Que seja: não me envergonho dela. Quer os homens a ouçam, quer a ignorem, estou convicto de que esta é a única postura que se harmoniza com as Escrituras e com os formulários da Igreja da Inglaterra.

Eu concedo com liberdade que uma grande e crescente escola dentro de nossa própria Igreja discorde da posição que afirmei acerca da Ceia do Senhor. Centenas de membros do Alto e do Baixo clero consideram que não somente há uma real presença de Cristo na Ceia do Senhor, a qual sustento tão fortemente quanto eles, mas também que haja uma presença real de Cristo nos elementos do pão e do vinho após a consagração<sup>6</sup>, o que eu nego de todo.

Ouçamos como o Arcebispo Denison, autoridade de relevo, afirma sua posição. Ele diz: “O corpo e o sangue de Cristo estão presentes na Sagrada Eucaristia, sob a forma de pão e vinho, a saber, coisas presentes, embora presentes de uma maneira inefável, incompreensível ao homem e incognoscível pelos sentidos. A real presença de Cristo na Eucaristia não é, portanto (como creio que ela seja geralmente considerada) a presença de uma influência que emana de algo ausente, mas a presença invisível e sobrenatural de algo presente; de Seu corpo e Seu sangue presentes sob as formas de pão e vinho.”<sup>7</sup> (Sermão II, p. 80). Ouçamo-lo de novo: “Adoração é devida à real, embora invisível e sobrenatural presença do corpo e do sangue de Cristo na Sagrada Eucaristia, sob as formas de pão e vinho” (Sermão II, p. 81). Ouçamo-lo uma vez mais: “O ato da consagração torna a presença real. Oh! Sacerdotes da Igreja de Deus! A nós nos é dado sermos canais e agentes, pelos quais o Espírito Santo com efeito torna o corpo e sangue de Cristo verdadeiramente presentes, ainda que de maneira invisível e sobrenatural. A nós nos é dado distribuir de seu corpo e sangue a seu povo. Oh! Sacerdotes e povo da Igreja de Deus! A nós nos é dado tomar e comer, sob a forma de pão e vinho, na Ceia do Senhor, o corpo e o sangue de Cristo.” (Sermão II, p. 107).

Ora, não multiplicarei citações como estas. Seria fácil demonstrar que a doutrina exposta pelo Arcebispo Denison é a doutrina de uma

---

<sup>6</sup> É extremamente difícil fazer com que certas pessoas vejam a enorme importância da estrita precisão ao definir termos nesta infeliz polêmica acerca da Ceia do Senhor. O ponto em debate não é se há uma “presença real” de Cristo na Ceia do Senhor. Nisto todos cremos. O ponto não é se a presença de Cristo é espiritual. Mesmo Harding, o bem conhecido antagonista de Jewel, admite que o corpo de Cristo está presente “não de uma forma corpórea, carnal ou natural, mas de maneira invisível, inefável, miraculosa, sobrenatural, espiritual, divina, só conhecida por Ele.” *Harding’s reply to Jewel*. O verdadeiro ponto é se o corpo e o sangue reais de Cristo estão realmente presentes nos elementos do pão e do vinho, tão logo sejam consagrados na Ceia do Senhor, e independentemente da fé daquele que a recebe. Romanistas e semi-romanistas dizem que eles se fazem presentes desta forma. Nós asseveramos que não.

<sup>7</sup> O antagonismo entre estas frases do Arcebispo Denison e as opiniões do Bispo Ridley sobre o mesmo assunto são tão singularmente fortes, que peço ao leitor não passar adiante sem tomar nota dele. O Bispo Ridley, em sua *Disputation at Oxford*, diz da doutrina romanista da presença real: “Ela destrói e remove a Instituição da Ceia do Senhor, que foi ordenada para ser empregada e continuada até que o Senhor retorne. Se, porém, Ele estiver realmente presente no corpo de sua carne, então deve cessar a Ceia, pois uma recordação não é de algo presente, mas de algo passado e ausente. E, como um dos Pais disse, ‘Uma figura é vã quando a coisa figurada está presente’”. Cf. *Foxe’s Martyrs, in loco*.

grande e crescente parcela da Igreja da Inglaterra.<sup>8</sup> Seria não menos fácil demonstrar que a doutrina é substancialmente uma e a mesma que a da Igreja de Roma, e que por recusar essa mesma doutrina, nossos Reformadores, martirizados, entregaram suas vidas. O tempo, porém, não me permitiria fazê-lo. Contento-me em tentar demonstrar que a doutrina do Arcebispo Denison e sua escola não pode ser reconciliada com os formulários autorizados da Igreja da Inglaterra, e que a mais simples e, como alguns a chamam, mais baixa posição acerca da intenção da Ceia do Senhor harmoniza-se inteiramente com eles.

Permitam-me primeiro voltar-me aos *Trinta e Nove Artigos*. Não temos direito de invocar qualquer formulário antes deles. A Confissão de Fé da Igreja é seu primeiro símbolo de doutrina. O Artigo 28 dispõe o seguinte:

*“A Ceia do Senhor não é somente um sinal do amor que os Cristãos devem ter entre si um com o outro; antes, é um Sacramento de nossa Redenção pela morte de Cristo; tanto o é que, a tantos quantos correta e dignamente, e com fé, dela recebem, o Pão que partimos é comunhão do Corpo de Cristo, e igualmente o Cálice que abençoamos é a comunhão do Sangue de Cristo.*

*A transubstanciação (ou mudança da substância do pão e do vinho) na Ceia do Senhor, não pode ser provada pela Sagrada Escritura, mas repugna diretamente a suas palavras, subverte a natureza do Sacramento e tem dado ocasião a muitas superstições.*

*O Corpo de Cristo é dado, tomado e comido, na Ceia, apenas e tão-somente de uma maneira celestial e espiritual. E o meio pelo qual o Corpo de Cristo é recebido é a fé.*

*O Sacramento da Ceia do Senhor não é, pela ordenança recebida de Cristo, levantado, carregado em procissões ou cultuado.”*

---

<sup>8</sup> Em uma obra devocional recentemente publicada pela Church Press Company, intitulada *The little Prayer-book, intended for beginners in devotion, revised and corrected by three Priests*, as seguintes passagens podem ser encontradas: “Quando entrar na igreja, antes de se dirigir ao seu lugar, curve-se reverentemente ao santo altar, pois é o trono de Cristo, e a parte mais sagrada da igreja.” “Curve-se reverentemente ao altar, antes de deixá-lo.” “Nas palavras ‘este é meu corpo, este é meu sangue’, você deve crer que o pão e o vinho se tornam o verdadeiro corpo e sangue, com a alma e a divindade de Jesus Cristo. Curve seu coração e corpo na mais profunda adoração quando o sacerdote disser estas reverendas palavras, e adore o seu Salvador ali, presente de fato e de verdade ali, em seu altar.” Em um *Catechism on the Office of the Holy Communion*, editado por “Uma comissão de clérigos”, encontraremos a seguinte declaração: “A Santa Comunhão é um sacrifício, uma oferenda feita sobre um altar a Deus.” “Oferecemos pão e vinho, os quais, depois, se tornam o corpo e o sangue de Cristo.” “Apenas o Senhor Jesus Cristo em pessoa, como nosso Sumo Sacerdote, e os sacerdotes de sua Igreja, a quem nomeou aqui na terra, têm autoridade para oferecer este sacrifício.” “O sacrifício é o verdadeiro corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e é apresentado como uma oferta pelos pecados, para obter perdão pelas nossas transgressões.” “O corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo estão real e verdadeiramente presentes no altar sob as formas de pão e vinho, e o sacerdote oferece o sacrifício a Deus, o Pai.” “Nós devemos cultuar Nosso Senhor, presente em seu Sacramento, como o deveríamos se o pudessemos ver corporalmente”.

Não comentarei estas palavras. Peço tão somente aos membros da Igreja que as ponham lado a lado com as declarações do partido da *High Church*<sup>9</sup> acerca da Ceia do Senhor, e que observem a absoluta contrariedade que existe entre elas. Apelo ao bom senso de todos os ingleses imparciais e livres de preconceitos. Sejam eles os juizes. Se uma posição está correta, a outra está errada. Se o teor do Artigo 28 pode ser reconciliado com a doutrina do Arcebispo Denison e sua escola, só posso dizer que essas palavras não têm significado nenhum.

Contento-me em citar o comentário do Bispo Beveridge acerca deste Artigo, e seguirei adiante. Diz ele: “Se o pão não se transforma realmente no corpo de Cristo, então o corpo de Cristo não está realmente presente; e se não está realmente presente, é impossível que ele seja realmente tomado e recebido em nossos corpos, como o é o pão.” Novamente, ele diz: “Não posso ver como se pode negar que Cristo comeu do pão do qual disse ‘Este é meu corpo’, e se dele comeu, e o comeu corporeamente (a saber, comeu Seu corpo como nós comemos pão), então ele comeu a si mesmo, e fez de um corpo dois, e então os reuniu novamente em um, recebendo seu corpo em seu corpo, sim, todo o seu corpo para dentro de parte do seu corpo, seu estômago. E assim, devemos considerar que ele não apenas tenha dois corpos, mas dois corpos um dentro do outro; sim, para que seja um devorado pelo outro; o absurdo desta e de semelhantes asserções, qualquer um com meia vista é capaz de facilmente discernir. De modo que devemos considerar que foi de uma forma *espiritual* que o Sacramento foi instituído, e por consequência, é de uma forma *espiritual* que o Sacramento deve ser recebido.”<sup>10</sup>

A *Liturgia da Igreja da Inglaterra* a esse respeito é de inteiro acordo com os Artigos. A palavra “altar” não é encontrada nenhuma vez em nosso Livro de Oração. A ideia de um “sacrifício” é cuidadosamente excluída de nossa Liturgia da Comunhão. Não importa o quanto os homens consigam torcer e distorcer as palavras da Liturgia do Batismo, não conseguem fazer nada com o Culto de Comunhão para provar os pontos de vista romanistas. Mesmo o famoso *non juror*<sup>11</sup>, Dr. Brett, foi obrigado a confessar que “não sabia de qualquer forma de reconciliar a Oração de Consagração da atual Liturgia oficial com a [doutrina da] presença real; pois aquela faz uma clara distinção entre o pão e o vinho e o corpo e o sangue de nosso Salvador, ao dizer ‘Concede que nós, ao recebermos estas tuas criaturas, pão e vinho, sejamos partícipes do Corpo e do

<sup>9</sup> O partido ou movimento *High Church*, embora tenha defendido outras bandeiras em outros tempos na história do anglicanismo, nos tempos de Ryle era identificado com o ritualismo promovido pelo Movimento de Oxford, que desembocou no anglo-catolicismo (adoção não apenas do ritual, mas também de outras práticas e doutrinas mais afeitas ao catolicismo do que ao protestantismo) e, afinal, no anglo-papismo (submissão ao papado e militância pela reunião formal entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja Católica Apostólica Romana). [N.T.]

<sup>10</sup> *Beveridge on the Articles*. Ed. Oxford, 1846, pp. 482-486

<sup>11</sup> *Non-jurors* foram clérigos da Igreja da Inglaterra que, quando da ascensão de Guilherme de Orange e sua esposa Maria ao trono inglês, não puderam, por objeção de consciência, jurar lealdade a eles, por considerarem-se presos ao voto feito ao rei anterior, Jaime II. [N.T.]

Sangue de Cristo’, o que manifestamente implica que o pão e o vinho sejam coisas distintas e diferentes do *corpo e do sangue*.”<sup>12</sup>

Contudo, a *rubrica ao final do Culto de Comunhão* torna mera perda de tempo dizer qualquer outra coisa a respeito da posição do Livro de Oração acerca da Ceia do Senhor. Diz ela, “*Conquanto seja determinado nesta Liturgia para Administração da Ceia do Senhor que os comungantes recebam-na de joelhos (ordem de boa intenção, pois significa nosso humilde e grato reconhecimento dos benefícios de Cristo nela concedidos aos que dignamente a recebem; e para evitar a profanação e desordem que doutra sorte poderiam acometer a Santa Comunhão), para que tal ato de ajoelhar-se não seja mal interpretado ou deturpado por qualquer pessoa, quer por ignorância ou fraqueza, quer por malícia ou obstinação, declara-se que nenhuma adoração é pretendida, nem se deve dar, quer ao pão sacramental ou o vinho corporalmente recebido, nem a qualquer presença corpórea do corpo e sangue naturais de Cristo. Pois o pão e o vinho sacramentais permanecem em suas veras substâncias naturais, e não devem, portanto, ser adorados (pois isto seria idolatria, a ser abominada por todos os cristãos fieis); e o corpo e sangue naturais de nosso Salvador Cristo estão no céu, não aqui, sendo contra a veracidade do corpo natural de Cristo estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.*” Se esta rubrica não condena de forma direta o ensinamento do Arcebispo Denison e sua escola acerca da presença de Cristo no Sacramento, sob as formas do pão e do vinho, estou certo de que as palavras não têm mais significado nenhum.<sup>13</sup>

O *Catecismo da Igreja da Inglaterra* está em direto acordo com os Artigos e a Liturgia. Embora ele afirme claramente que “o corpo e o sangue de Cristo são, de fato e de verdade, tomados e recebidos pelos *fieis* na Ceia do Senhor”, ele cuidadosamente evita proferir qualquer palavra que sancione a ideia de que o corpo e o sangue estejam localmente presentes nos elementos consagrados do pão e do vinho. De fato, uma presença espiritual de Cristo na Ceia do Senhor a cada fiel comungante, sem porém qualquer presença corpórea física no pão e no vinho para qualquer comungante, é evidentemente a doutrina uniforme da Igreja da Inglaterra.

Contudo, não irei adiante sem citar a interpretação de Waterland a respeito da doutrina do Catecismo. Diz ele: “As palavras *‘de fato e de verdade tomados e recebidos pelos fieis’* são corretamente interpretados como uma participação real nos benefícios adquiridos pela morte de Cristo. O corpo e o sangue de Cristo são tomados e recebidos pelos fieis,

<sup>12</sup> *Brett’s discourse on discerning the Lord’s Body in the Communion*. Londres, 1720, pref., pp. 19-20

<sup>13</sup> A rubrica ao final da Comunhão dos Enfermos é outra forte evidência das posições daqueles que prepararam nosso Livro de Oração em sua atual forma. Ela diz: “*Se alguém, em virtude da severidade de sua doença, ou por falta de aviso tempestivo ao ministro, ou por falta de companhia para receber com ele, ou por qualquer outro justo impedimento, não puder receber o Sacramento do corpo e do sangue de Cristo, o ministro o instruirá que, se ele verdadeiramente se arrepender de seus pecados, e firmemente crer que Jesus Cristo sofreu a morte na cruz por ele, e derramou seu sangue para a sua remissão, encarecidamente recordando os benefícios que disto recebe, e rendendo-lhe por isto sinceras graças, ele de fato come e bebe o corpo e o sangue de nosso Salvador Cristo para benefício da saúde de sua alma, ainda que não receba o Sacramento com sua boca.*”

não corporalmente, não internamente, mas, de fato e de verdade, a saber, *efetivamente*. Os símbolos sagrados não são signos desnudos, não são figuras inverídicas de uma coisa ausente; antes, a força, a graça, a virtude e os benefícios do corpo de Cristo partido, e do sangue vertido, a saber, de Sua paixão, são real e efetivamente presentes com todos quantos recebem dignamente. Essa é *toda a extensão da presença real* que nossa Igreja ensina.”<sup>14</sup>

Uma vez mais digo que, se a posição de Waterland a respeito do Catecismo puder ser reconciliada com a do Arcebispo Denison e sua escola, as palavras não têm mais significado nenhum.

A *Homilia da Igreja da Inglaterra sobre o Sacramento*<sup>15</sup> está em completa harmonia com os Artigos, a Liturgia e o Catecismo. Diz ela: “Antes de tudo devemos estar especialmente certos disto, de que esta Ceia seja ministrada como Nosso Senhor e Salvador o fez, e determinou que se fizesse; como seus santos Apóstolos a empregaram, e como os bons Pais da Igreja a prestigiaram. Pois, como o digno Ambrósio disse, ‘é indigno do Senhor aquele que celebra este mistério de forma diversa da que lhe foi pelo Senhor entregue’. Nem pode se dizer devoto o que a considera de forma diversa da que lhe foi dada pelo seu Autor. Devemos, assim, dar ouvidos, *para que o memorial não se torne sacrifício*, para que a comunhão não se torne refeição particular, para que duas partes não passem a ser apenas uma; para que não ocorra que, ao aplica-la aos mortos, percamos frutos vivos.” E torna a dizer, após enfatizar a necessidade de conhecimento e fé para os comungantes: “Isto é agarrar-se à promessa de Cristo feita e sua instituição: apropriar-se de Cristo e aplicar seus méritos a si. Nisto não necessitais do auxílio de outro homem, nem de outro sacrifício ou oblação, nem de sacerdote sacrificante, nem de missa, nem de meios estabelecidos pela invenção do homem.” E, novamente, diz: “Bem se sabe que a carne que buscamos nesta Ceia é alimento espiritual, nutrição para nossa alma, uma refeição celestial e não terrena, uma carne invisível e não corpórea, uma substância espiritual, e não carnal. De modo que pensar que, sem fé, nós realmente podemos gozar do seu comer e beber, ou que tal é a sua fruição, não passa de um grosseiro devaneio carnal, que bruscamente nos objetiva e nos prende aos elementos e criaturas. Pelo contrário, por ordem do Concílio de Niceia, devemos elevar nossas mentes pela fé e, abandonando estas coisas inferiores e terrenas, no alto buscar onde o Sol da Justiça brilha sempiterno. Ó tu, que desejas desta mesa, aprende esta lição do piedoso Pai da Igreja, Emisseno: que, quando vais à reverenda Comunhão para satisfazer-te de carne espiritual, contemplas pela fé ao santo corpo e sangue de teu Deus; maravilhas-te com reverência, tocas-lhe com tua mente, recebes-lhe com a mão de teu coração e tomas-lhe plenamente com teu homem interior.”

<sup>14</sup> *Waterland's Works*. Oxford, 1843, vol. VI, p. 42.

<sup>15</sup> Essa Homilia citada é um sermão padrão que faz parte de um livro de sermões elaborados na época da Reforma Inglesa que é autoritativo a todos os ministros e crentes da Igreja da Inglaterra, conforme o artigo 36 dos 39 Artigos. (N.R)

Ora, seria fácil multiplicar as citações em favor da posição acerca da Ceia do Senhor que eu advogo, dos principais teólogos da Igreja da Inglaterra, mas disto abrirei mão. O tempo é precioso nestes dias de pressa, comoção e excitação. Citações são cansativas, e mui frequentemente nem lidas. Quantos desejam aprofundar-se no assunto devem estudar o irretorquível, ainda que mui negligenciado livro do Deão Goode acerca da Eucaristia. Apenas duas citações darei, de dois homens de não pouca autoridade, embora divirjam largamente em alguns pontos.

O primeiro é o bem conhecido Jeremy Taylor. Em seu livro *The Real Presence* ele diz: “Afirmamos que o corpo de Cristo está no Sacramento de maneira real, porém espiritual. Os católicos romanos dizem que ele está lá de maneira real, mas espiritual. Assim, Belarmino afirma com convicção que a palavra deve ser permitida nesta questão. Ora, onde estará a diferença? Aqui, por *espiritual*, eles significam espiritual à maneira de um espírito. Nós, por *espiritual*, significamos presente a nosso espírito apenas. Eles dizem que o corpo de Cristo está tão verdadeiramente presente ali quanto como estava na Cruz, mas não como todos ou qualquer um se faz presente, mas da maneira que um anjo se faz presente em um lugar. Isso é o que querem dizer com *espiritualmente*. Nós, porém, pela real presença espiritual de Cristo, compreendemos que Cristo está presente, como o Espírito de Deus está presente, nos corações dos fieis por bênção e graça; e isto é tudo o que significamos para além da presença figurativa.”

O outro teólogo que citarei foi um gigante na teologia, e notável tanto por sua solidez na fé quanto por sua prodigiosa erudição. Falo do Arcebispo Usher. Em seu sermão perante a Câmara dos Comuns, ele disse: “No sacramento da Ceia do Senhor, o pão e o vinho não são transformados em sua substância, não deixam de ser os mesmos que se serve em mesas comuns; mas quanto ao santo uso para o qual são consagrados, tamanha mudança se opera que agora tanto diferem do pão e vinho comuns quanto o céu difere da terra. Tampouco devem ser considerados meramente simbólicos, mas verdadeiramente exibem os elementos celestiais com os quais são relacionados; sendo determinados por Deus para servirem de veículo para comunicá-los a nós, e constituindo-nos em sua posse. De modo que, ao empregarmos esta santa ordenança, tão verdadeiramente quanto o homem, com sua mão e boca físicas recebe as criaturas terrenas do pão e do vinho, assim verdadeiramente, com sua mão e boca espirituais, *se os possuir*, recebe o corpo e o sangue de Cristo. E esta é a real e substancial presença que afirmamos haver na parte interior desta ação sagrada.”

Não posso deixar esta parte do assunto sem registrar meu indignado protesto contra o muitas vezes repetido insulto de que a erudição, o raciocínio e a pesquisa não são encontrados entre os apoiadores da ala evangélica da Igreja da Inglaterra! A obra do Deão Goode acerca da natureza da presença de Cristo na Eucaristia, contendo 986 páginas de argumentação magistral em defesa de sólidas posições protestantes

acerca da Ceia do Senhor, já está há muitos anos perante o público. Ela tem estado, desde então, irresponsada e irresponsável. Onde está a honestidade, onde a justiça, em negligenciar a refutação deste livro, se puder ser refutado, e ainda se agarrar obstinadamente a posições que ele triunfantemente solapa? Recomendo este livro, sem hesitar, ao paciente e diligente estudo de todos os meus irmãos mais novos no ministério, se desejam ter suas opiniões formadas e confirmadas acerca do Sacramento da Ceia do Senhor. Leiam-no cuidadosamente, e creio que considerarão impossível chegar a qualquer outra, senão uma conclusão, a de que a Igreja da Inglaterra sustenta que não há sacrifício na Ceia do Senhor, nem oblação, nem altar, nem presença corpórea de Cristo no pão e no vinho; e que a verdadeira intenção da Ceia do Senhor é tão-somente aquela que o Catecismo afirma, nem mais, nem menos: “Foi ordenada para a contínua memória do sacrifício da morte de Cristo, e dos benefícios que por ela recebemos.”

**II** – A segunda questão que eu me proponho a abordar neste trabalho é tão inteiramente ligada à primeira, que não me delongarei nela. Aquele que puder responder a pergunta “*Qual é a verdadeira intenção da Ceia do Senhor?*” não encontrará dificuldades em discernir “*Qual é sua posição de direito na Igreja de Cristo?*”.

Como a arca de Deus no Antigo Testamento, este bendito Sacramento tem lugar e posição próprios entre as ordenanças cristãs e, assim como a arca de Deus, pode facilmente ser colocada no lugar errado. A história daquela arca prontamente recorre em nossas mentes. Colocada no lugar de Deus, e tratada como um ídolo, ela não fez bem nenhum aos israelitas. Nos dias de Eli, ela não os pôde salvar das mãos dos filisteus. Seus exércitos foram derrotados, e a própria arca, tomada, profanada e desonrada ao ser posta no templo de um ídolo, foi ela causa do recair da ira de Deus sobre toda uma nação, até que os filisteus disseram, a uma voz, “Mandem-na embora daqui!”. Tratada com descuido e leviandade, trouxe o julgamento de Deus sobre os homens de Bete-Semes, e sobre Uzá. Tratada com reverência e respeito, trouxe bênçãos a Obede-Edom e toda a sua casa. O mesmo se dá com a Ceia do Senhor. Posta no seu lugar de direito, ela é uma ordenança geradora de bênçãos. A grande questão a ser resolvida é: Que posição é esta?

**1.** A Ceia do Senhor não está em seu devido lugar *quando é tornada o primeiro, maior, principal e mais importante elemento do culto cristão*. Que isto acontece em muitos lugares, todos devemos saber. As bem conhecidas missas da Igreja Romana, o aumento da importância atribuída à Santa Comunhão, como é chamada, por muitos em nossa própria Igreja, são provas claras do que quero dizer. O sermão, o modo de conduzir a oração, a leitura das Sagradas Escrituras, em muitas igrejas são tornados secundários diante da administração da Ceia do Senhor. Bem podemos perguntar, “Que fundamento há nas Escrituras para esta honra extravagante?”, mas não ouviremos resposta. Há no máximo cinco livros em todo o cânone do Novo Testamento nos quais a Ceia do Senhor é ao menos

mencionada. Acerca da graça, da fé e da redenção; da obra de Cristo; da obra do Espírito e do amor do Pai; da ruína do homem, de sua fraqueza e miséria espiritual; da justificação, santificação e retidão de vida; de todos esses portentosos assuntos encontramos os autores inspirados dando-nos linhas e mais linhas, e preceitos e mais preceitos. Acerca da Ceia do Senhor, pelo contrário, podemos observar na maior parte do Novo Testamento um silêncio eloquente. Mesmo as Epístolas a Timóteo e Tito, que contêm muita instrução acerca dos deveres do ministro, não contêm uma só palavra a respeito. Este fato, apenas, já fala por volumes inteiros! Deslocar a Ceia do Senhor para o centro até que ela sobrepuje e se torne desproporcionalmente maior do que tudo o mais na fé é dar a ela uma posição para a qual não há autoridade na Palavra de Deus.<sup>16</sup>

**2.** Uma vez mais, a Ceia do Senhor não estará em seu devido *lugar quando administrada com um grau extravagante de cerimônia e veneração exterior*. Ao dizer isto, sinto muito por ser mal compreendido. Deus me livre de propor qualquer desleixo ou irreverência no emprego de qualquer das ordenanças de Cristo. Em absoluto, a quem honra, honra demos. Contudo, pergunto a todos quantos leem este trabalho: não há algo dolorosamente suspeito quanto à enorme quantidade de pompa e reverência física com que a Ceia do Senhor é atualmente celebrada em muitas de nossas igrejas? O tratamento ostensivo da Mesa da Comunhão como um altar – as luzes, ornamentos, flores, as minúcias decorativas, gestos, posturas, reverências, persignações, incensações, procissões, todos ligados ao assim chamado altar – a misteriosa e obsequiosa veneração com que o pão e o vinho são consagrados, dados, tomados e recebidos – o que tudo isso significa?<sup>17</sup> Onde está, em tudo isso, a simplicidade da primeira instituição, como a encontramos registrada na Bíblia? Onde a simplicidade que nossos reformadores protestantes pregaram e praticaram? Onde a simplicidade que qualquer leitor desarmado do Livro de Oração inglês pode justamente esperar? Bem podemos perguntar: onde? A verdadeira Ceia do Senhor não está mais ali. A coisa toda recende a romanismo. Um leitor direto só pode ver nisso uma tentativa de introduzir em nosso culto a doutrina do sacrifício, a “*fábula blasfema e o perigoso engano*” da missa, da presença real papista e da transubstan-

<sup>16</sup> Aproveito a ocasião para dizer que vejo com desgosto a prática moderna de se substituir o sermão por uma celebração da Ceia do Senhor nas visitas episcopais e arcediagais. Sem dúvida ela poupa Bispos e Arcebispos de muito trabalho. Poupa-os da responsabilidade individual de selecionar um pregador. Mas a coisa toda tem uma aparência suspeita e insatisfatória. Pregar a Palavra, a meu ver, é uma ordenança bem mais importante do que a Ceia do Senhor.

<sup>17</sup> É verdadeiramente lamentável observar quantos rapazes e moças, de quem se poderia esperar mais, caem hoje em um semi-romanismo, pela atração de um cerimonial altamente ornamentado e sensorial. Flores, crucifixos, procissões, estandartes, incenso, paramentos esplendorosos e outros que-tais jamais falham em atrair os jovens, assim como moscas ao mel. Não insultarei o bom senso dos que consideram tais coisas interessantes, perguntando-lhes se de fato acreditam que podem disso obter qualquer alimento para o coração, consciência e alma. Mas gostaria que considerassem seriamente o que tais coisas significam. Eles sabem, verdadeiramente, que as doutrinas da missa e da transubstanciação estão na raiz de todo o sistema? Estão preparados para engolir todas essas horrendas heresias? Suspeito que muitos estão brincando com o ritualismo sem a menor idéia do que ele encobre. Enxergam uma isca atraente, mas não veem o anzol.

ciação. É impossível evitar a sensação de que uma heresia mortal subjaz neste cerimonial pomposo e que não estamos lidando apenas com um amor infantil pelo espetáculo e pela forma, mas com um desígnio arraigado de trazer de volta o papado à Igreja da Inglaterra e subverter o Evangelho de Cristo. De qualquer forma, uma coisa me é bem clara: o Sacramento da Ceia do Senhor, administrado como é atualmente em muitos lugares, não está em sua posição de direito. Encontra-se tão disfarçado, pintado, maquiado, aparelhado e inchado, e tão mudado por este novo tratamento, que mal posso ver nele, de fato, qualquer Ceia do Senhor.

**3.** Uma vez mais, a Ceia do Senhor não está em sua posição de direito *quando forçada a todos os presentes ao culto, indiscriminadamente*, como um meio de graça de que todos, indistintamente, devem fazer uso. Uma vez mais, peço que ninguém me interprete mal. Tenho uma convicção tão forte quanto qualquer outro, de que ir à igreja como um adorador e não se fazer comungante é ser um cristão dos mais inconsistentes, e que não ser apto à Mesa do Senhor é não ser apto para a morte. Uma coisa, porém, é ensinar isto, e outra, instar a todos os homens para que recebam do Sacramento mecanicamente, quer estejam qualificados para isto, quer não. Não tenho a intenção de levantar uma acusação falsa. Nem por um momento suponha-se que qualquer ministro da linha *High Church* recomende, de forma direta, que pessoas ímpias participem da Ceia do Senhor para que se tornem piás. Mas não posso esquecer que, de muitos púlpitos, pessoas são constantemente ensinadas que são nascidas de novo e receberam graça em virtude de seu Batismo; e que se querem avivar a graça em si, e receber maior fé, devem fazer uso de todos os meios de graça, e especialmente da Ceia do Senhor! E não posso deixar de temer que milhares, no presente, estão substituindo o arrependimento, a fé e a união vital com Cristo pela participação na Ceia do Senhor, e enganando-se a si mesmos, que quanto mais receberem o Sacramento, mais se tornarão justificados, e mais prontos estarão para a morte. Minha firme convicção pessoal é de que a Ceia do Senhor não deve, de forma nenhuma, ser colocada antes de Cristo, e que os homens devem sempre ser ensinados a achegar-se a Cristo pela fé *antes* de se achegarem à Mesa do Senhor. Creio que esta ordem não pode jamais ser invertida sem que a inversão traga consigo grosseira superstição, e cause imenso mal às almas dos homens. Aquelas partes da cristandade onde se faz da “missa” toda a vida cristã, e a Palavra de Deus raramente é pregada, são precisamente os lugares onde há a mais completa ausência de um cristianismo viçoso. Quisera eu dizer que não há temor de que cheguemos a este estado de coisas em nossa própria terra. Contudo, quando ouvimos falar de centenas lotando a Mesa do Senhor aos domingos, e então chafurdando em toda sorte de dissoluções durante a semana, há grave motivo para suspeitar que a Ceia do Senhor está sendo aplicada às congregações de uma maneira totalmente destituída de lastro nas Escrituras.

Perguntará alguém agora: *qual o devido lugar da Ceia do Senhor?* Respondo esta pergunta sem qualquer hesitação. Creio que seu lugar de direito, como o da santidade, *é entre a graça e a glória*; entre a justificação

e o céu; entre a fé e o paraíso; entre a conversão e o descanso final; entre *Porta Estreita* e a *Cidade Celestial*. Ela não é Cristo, ela não é a conversão, ela não é um passaporte para o céu. Ela é para o fortalecimento e restauração daqueles que já vieram a Cristo, que sabem algo acerca da conversão, que já estão no caminho estreito e já fugiram da cidade da destruição.

Bem sei que não somos capazes de ler corações. Não devemos ser rígidos e exclusivos demais quanto aos requisitos para a Comunhão, e tornar infelizes aqueles que Deus não fez infelizes. Contudo, não devemos jamais nos furtar de dizer aos inconversos e aos descrentes que, em sua condição atual, não estão aptos a chegar-se à Mesa do Senhor. Um clérigo fiel, de qualquer modo, jamais deve se envergonhar de defender a posição estabelecida pelo Catecismo da Igreja. A última pergunta desse bem conhecido formulário reza: “Que é exigido dos que se achegam à Ceia do Senhor?” A resposta a esta pergunta é substancial e cheia de significado. Aqueles que vêm à Ceia do Senhor devem “examinar a si mesmos, arrepender-se verdadeiramente de seus pecados passados, firmemente propondo-se a viver uma nova vida; ter fé viva na misericórdia de Deus por Cristo e uma grata memória por Sua morte; e viver em caridade para com todos os homens.” Alguém tem tais sentimentos em seu próprio coração? Então podemos dizer com intrepidez que a Ceia do Senhor está posta diante de si por um Salvador misericordioso, para auxiliá-lo a correr a carreira que tem diante de si. Não devemos colocar esta ordenança mais alto do que isto. Não se espera do comungante que seja um anjo, mas um pecador ciente de seus pecados e confiante em seu Salvador. Mais baixo do que isto não temos o direito de pôr esta ordenança. Encorajar as pessoas a achegarem-se à Mesa sem conhecimento, fé, arrependimento ou graça é ativamente causar-lhes mal, promover a superstição e desagravar o Mestre da festa. Ele deseja ver em Sua mesa não convivas mortos, mas vivos; não o culto morto do comer e beber por formalidade, mas o sacrifício espiritual de corações sensíveis e amorosos.

Faço aqui uma pausa. Creio ter dito o bastante para esclarecer as posições que sustento a respeito da verdadeira intenção e da posição de direito do Sacramento da Ceia do Senhor. Se, ao expor minhas opiniões, tiver dito qualquer coisa que atrite com os sentimentos de qualquer dos leitores, posso assegurá-los que lamento sinceramente. Nada poderia estar mais distante do meu desejo do que ferir os sentimentos de um irmão.

Porém, é minha firme convicção que o estado da Igreja da Inglaterra exige grande clareza no falar e distinção nas declarações acerca dos Sacramentos. Estou convencido de que não há nada que os tempos tão imperativamente exijam dos membros evangélicos da Igreja quanto afirmações diretas, valorosas e explícitas dos grandes princípios mantidos por nossos ancestrais, e especialmente acerca do Batismo e da Ceia do Senhor. Se desejamos “*fortalecer as coisas que permanecem, que estão prestes a morrer*”, devemos voltar resolutamente às veredas antigas, e

sustentar as antigas verdades do jeito antigo. Devemos abrir mão da vã ideia de que podemos tornar a Cruz de Cristo aceitável ao polí-la, envernizá-la, pintá-la, banhá-la a ouro e serrar seus cantos. Devemos parar de supor que podemos atrair os homens a se tornarem evangélicos adotando um método diminuído, contemporizador, diluído, meio-a-meio, de expor as doutrinas do Evangelho; ou pelo vestir plumas emprestadas e flertar com o movimento *High Church*, ou por proclamar em alta voz que não somos “partidaristas”, ou por deixar de lado as claras expressões das Escrituras e louvar o entusiasmo, ou por habilidosamente abster-se de proferir verdades sujeitas a ofender. Esse plano é pura ilusão. Não ganha nenhum inimigo e bem pode afastar os verdadeiros amigos. Causa o desprezo do espectador mundano e o enche de escárnio. Podemos nos assegurar de que a mais sábia e correta linha para os evangélicos de nossa igreja seguirem é a de aderir com firmeza ao velho plano de preservar a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, como é em Jesus, e especialmente a verdade acerca dos dois Sacramentos, o Batismo e a Ceia do Senhor. Sejamos corteses, amigáveis, caridosos, afáveis e tenhamos consideração pelos sentimentos alheios, sim, com certeza, mas que nenhuma consideração nos faça ocultar qualquer parte da verdade de Deus.

*Permitam-me encerrar este trabalho com algumas sugestões práticas.* Presumindo, por um momento, que tenhamos firmado nossa opinião acerca da intenção e posição de direito da Ceia do Senhor, consideremos o que os tempos demandam de nossas mãos.

**1.** Em primeiro lugar *cultivemos uma santa simplicidade* em todas as nossas declarações acerca da Ceia do Senhor, e um santo zelo em todas as nossas práticas com relação a ela.

Se somos ministros, recordemos nosso povo com frequência de que não há sacrifício na Ceia do Senhor; não há presença real do corpo e do sangue de Cristo no pão e no vinho; não há transformação nos elementos; não é conferida graça *ex opere operato*; não há altar no extremo leste de nossas igrejas<sup>18</sup>; não há sacerdócio sacrificante na Igreja da Inglaterra. Digamos a eles estas coisas, de novo, e de novo, e de novo, até que nossas congregações as tenham gravadas em suas mentes e memórias e almas, e recomendemos-lhes que, tanto quanto amam a própria vida, não as esqueçam.

Quer sejamos leigos, quer clérigos, estejamos alerta quanto a contemplar ou tolerar quaisquer práticas relativas à Ceia do Senhor que excedam ou contradigam as rubricas de nosso Livro de Oração e impliquem qualquer crença em uma posição romanista deste Sacramento. Protestemos de todas as formas possíveis contra qualquer veneração

---

<sup>18</sup> Em arquitetura eclesiástica, o extremo do templo oposto à entrada principal é considerado o “leste litúrgico”, ainda que o templo não seja construído voltado para o leste geográfico (que é a prática histórica da “orientação”). No leste litúrgico de um templo cristão tradicional ficam o púlpito e a Mesa do Senhor, ou o altar nas igrejas católicas. [N.T.]

extravagante da Mesa de Comunhão e do pão e do vinho, como se o corpo e o sangue de Cristo estivesse presente nesses elementos, ou na Mesa; e jamais nos esqueçamos do que o Livro de Oração diz sobre “*a idolatria, a ser abominada por todos os fiéis cristãos*”.

Não há como ser excessivamente insistente nestes pormenores. Os tempos mudaram. Coisas que poderíamos tolerar no passado como questões indiferentes, e minúcias desimportantes de cerimonial, não mais podemos tolerar. Alguns anos atrás, eu me voltaria para o leste durante a recitação do Credo em qualquer paróquia, para não ofender os sentimentos do próximo. Não o posso mais fazer, pois vejo grandes princípios postos em jogo. Que nosso protesto nessas questões seja firme, decidido e universal em todo o país, e poderemos fazer muito bem.

**2.** Em segundo lugar, *não sejamos abalados ou atribulados com a acusação comum de que não somos membros da Igreja*, porque não concordamos com muitas das posições de nossos irmãos a respeito dos Sacramentos. Tais acusações são feitas com facilidade, mas não tão facilmente provadas. Confio especialmente que meus irmãos mais jovens as tratarão com perfeita indiferença e despreocupação. Não sei de que me admirar mais, se da falta de vergonha ou da ignorância dos que as levantam.

Os que friamente dizem que os membros do partido evangélico não são verdadeiros membros da Igreja supõem que não sabemos ler? Imaginam que não podemos compreender o significado direto de um texto? Acaso acham que podem nos convencer de que nossas posições doutrinárias não podem ser encontradas nos Artigos, na Liturgia e nas Homilias, e nos escritos dos principais teólogos de nossa Igreja, até os dias de Carlos I? Acaso imaginam, por exemplo, que não sabemos que a Mesa da Comunhão raramente era posta no extremo leste do templo até os dias de Laud, mas ficava no presbitério, como uma mesa, e que Ridley a chamava especialmente de “o Balcão do Senhor”<sup>19</sup>? Temo, porém, que eles presumam que possuímos as tendências iletradas de nosso tempo. Bem sabem que a leitura de muitos dos evangélicos raramente vai além de jornais e revistas.

---

<sup>19</sup> É fato que a Mesa da Comunhão na Catedral de Gloucester foi disposta como um altar, encostada à parede leste do presbitério, pelo próprio Laud, quando era Deão de Gloucester, em 1616. Também é fato que o Bispo Miles Smith, então Bispo de Gloucester, aborreceu-se tanto com a mudança que declarou que não tornaria a entrar na Catedral até que a Mesa fosse trazida de volta a sua posição anterior. E manteve sua palavra, não adentrando os muros da Catedral até que foi enterrado nela em 1624.

Observemos os termos empregados pelo Bispo Ridley em suas injunções ao clero da Sé de Londres. Ao enunciar razões para a remoção dos altares e sua substituição por mesas, ele diz: “A serventia de um altar é sacrificar sobre ele. O uso de uma mesa é servir aos homens para que nela comam. Agora, quando nos achegamos à Mesa do Senhor, para que vimos? Para tornar a sacrificar Cristo e crucificá-lo novamente, ou para nos alimentar dele que foi uma vez crucificado e oferecido por nós? Se vimos nos alimentar dele, para espiritualmente comer seu corpo e espiritualmente beber seu sangue, que é o verdadeiro sentido da Ceia do Senhor, então ninguém pode negar que a forma de uma mesa é mais adequada do que a forma de um altar. Cf. *Foxe’s acts and mon.*, vol. VI, Seeley’s Edition, p. 6.

Digo com intrepidez que, no que tange à verdadeira, honesta e consciente membresia na Igreja da Inglaterra, o partido dos evangélicos não precisa temer a comparação com qualquer outra seção do espectro de nossa Igreja. Podemos seguramente desafiar qualquer justa investigação e inquérito. Outros subscreveram os Trinta e Nove Artigos *ex animo et bona fide*<sup>20</sup>? Nós também. Outros declararam sua total concordância com a Liturgia? Nós também. Outros empregam a Liturgia, nada acrescentando ou omitindo, com reverência, solenemente e em voz audível? Nós também. Os outros são obedientes a seus Bispos? Nós também. Trabalham os outros pela prosperidade da Igreja da Inglaterra? Nós também. Os outros valorizam as prerrogativas da Igreja da Inglaterra e deploram separações desnecessárias? Nós também. Os outros honram a Ceia do Senhor e recomendam-na à atenção de todos os ouvintes crentes? Nós também. Mas nós não admitiremos que um homem tem obrigação de seguir o Arcebispo Laud e se tornar meio romanista para ser membro da Igreja. Somos nós os verdadeiros *high churchmen*, e não *high churchmen* romanistas. E a melhor prova de nossa membresia na Igreja é o fato de que, para cada um *dos nossos* que deixou a Igreja da Inglaterra para as igrejas Dissidentes, podemos nomear dez do partido *High Church* que deixaram a Igreja da Inglaterra e se foram para Roma.

Não! Os evangélicos da Igreja não precisam se comover com a acusação de que não são verdadeiros membros. Homens ignorantes e desavergonhados podem fazer tais acusações, mas homem nenhum, senão os rasos e iletrados, crerão neles. Quando aqueles que as levantam responderem à obra do Deão Goode sobre a Eucaristia, bem como às outras obras sobre o Batismo e a Regra de Fé, aí será tempo de prestarmos atenção ao que dizem. Até lá, porém, podemos confiar no conselho dado aos judeus por Ezequias a respeito das virulentas acusações de Rabsaquê: “*não as respondais*”.

3. Em último lugar, permitam-me expressar uma *sincera esperança de que ninguém que leia este trabalho se deixe expulsar da Igreja da Inglaterra* pela ascensão da atual maré de ritualismo e pela aparente decadência do grupo evangélico. Lamento que deva haver necessidade de proferir este aviso, mas estou certo de que não é desmotivado.

Bem posso compreender os sentimentos que afetam muitos atualmente. Vivem, talvez, em uma paróquia onde o Evangelho nunca é pregado, onde doutrinas e práticas romanistas sobre a Ceia do Senhor enlevam todos à sua volta; onde, de fato, estão sozinhos. Semana após semana, mês após mês, ano após ano, nada ouvem senão a mesma batida ladainha sobre “Santa Igreja, Santo Batismo, Santa Comunhão, santos sacerdotes, santos altares, santo sacrifício”, até que fiquem enjoados da palavra “santo” e o domingo se torna um verdadeiro enfado para suas almas. E então vem o pensamento: “por que não deixar a Igreja da Ingla-

---

<sup>20</sup> “De alma (sinceramente) e em boa-fé” (N.T.).

terra de uma vez? Que poderá haver de bom em uma igreja assim? Por que não me tornar um Dissidente ou um dos Irmãos de Plimouth?”.

Agora desejo oferecer um afetuoso aviso a todos que se encontram em tal estado mental. Peço-lhes que considerem bem o que farão, e escutem o conselho do oficial de Éfeso, “*Nada façais apressadamente*”. Peço-lhes que exercitem a fé e a paciência, e que, de qualquer forma, aguardem antes de partir; orem muito, leiam muito suas bíblias e estejam certos de que fizeram tudo o que estava a seu alcance para corrigir o que está errado.

É uma solução fácil e barata deixar uma Igreja quando vemos males à nossa volta, mas não é sempre a mais sábia. Derrubar uma casa porque a chaminé está entupida; cortar fora uma mão porque temos um corte no dedo; abandonar um navio porque tem um vazamento e está fazendo um pouco de água; tudo isso é de uma impaciência pueril. Será, porém, a atitude de um sábio abandonar uma Igreja porque as coisas em nossa própria paróquia, e sob nosso próprio ministro naquela Igreja, estão erradas? Respondo decididamente, e sem hesitar: Não!

Não é tão certo quanto parece que as coisas se corrigem ao se deixar a Igreja da Inglaterra. Cada homem conhece os defeitos de sua própria casa, mas não conhece os da casa de outrem até que se mude para ela, e talvez descubra que está pior agora do que antes de se mudar. Muitas vezes há chaminés entupidas, ralos que não drenam, infiltrações, portas que não se fecham, janelas que não se abrem, tanto na primeira quanto na segunda casa. Nem tudo está perfeito entre os Dissidentes e os Irmãos de Plymouth. Podemos descobrir, às nossas custas, se nos unirmos a eles por desgosto com a Igreja da Inglaterra, que apenas trocamos um mal pelo outro, e que a chaminé está entupida tanto na capela quanto na igreja.

É bem certo que um leigo sensato e bem instruído pode fazer um bem imenso à Igreja da Inglaterra; pode barrar muito mal e promover a verdade de Cristo, se ele firmar sua posição e usar todos os meios legais. A opinião pública é muito poderosa. A exposição de desvios extremos de conduta tem um grande efeito. Os Bispos não podem ignorar por completo os apelos do laicato. Pelo muito importunar, mesmo os mais cautelosos ocupantes do banco dos Bispos podem ser movidos à ação. A imprensa está aberta a todo homem. Em suma, há muito a ser feito, embora, como tudo o que é bom, possa causar muito problema. E, quanto à alma de um homem, deve estar em algum lugar estranho no mapa se não puder ouvir o Evangelho em alguma Igreja próxima. Na pior das hipóteses, ele tem sua Bíblia, o trono da graça e o Senhor Jesus Cristo sempre perto de si em seu próprio lar.

Digo isto como alguém que é chamado um *low churchman*, como alguém que sente uma justa indignação contra o proceder romanizante de muitos dos clérigos em nosso próprio tempo. Lamento o perigo causado à

Igreja da Inglaterra pelo ritualismo atual. Lamento pelos muitos que se fizeram retirar em desgosto do pátio de nossa Sião. Mas *low churchman* como sou, sou membro da Igreja<sup>21</sup>, e estou ansioso por que ninguém seja induzido a fazer coisas insensatas e apressadas por causa do proceder a que me referi. Enquanto tivermos verdade, liberdade e uma confissão de fé inabalada na Igreja da Inglaterra, estarei convicto de que o caminho da paciência é muito melhor que o da secessão.

Quando os Trinta e Nove Artigos forem alterados; quando o Livro de Oração for revisado com padrões romanistas e entupido de papismos; quando a Bíblia for retirada da estante de leitura; quando o púlpito for fechado ao Evangelho; quando a missa for oficialmente restaurada em cada paróquia por Ato do Parlamento; quando, de fato, nossa presente ordem de coisas na Igreja da Inglaterra for alterada por lei, e quando a Rainha, os Lordes e os Comuns determinarem que nossas paróquias se entreguem a procissões, incensos, cruces, imagens, estandartes, flores, paramentos esplendentes, veneração idólatra do Sacramento da Ceia do Senhor, orações murmuradas, leituras apócrifas, sermões curtos, secos e sem substância, gestos e posturas afetados, prostrações, persignações e coisas do tipo; quando estas coisas se derem por mando e autoridade da lei, então será o tempo de deixarmos todos a Igreja da Inglaterra. Então poderemos nos levantar e dizer a uma voz: “Vamos embora, porque Deus não está aqui.”

Até esse dia, contudo (e Deus nos livre de que ele chegue; mas se chegar, haverá muitos bons que partirão), fiquemos firmes, e lutemos pela verdade. Não desertemos nossos postos para evitar aborrecimentos, saindo para o agrado de nossos adversários e arruinando nossos planos para evitar uma batalha. Não! Em nome de Deus, lutemos, ainda que sejamos como os 300 de Termópilas: poucos conosco, muitos contra nós e traidores de todos os lados. Prossigamos na luta, e batalhemos sinceros pela fé uma vez entregue aos santos.

A boa nau da Igreja da Inglaterra pode ter algumas tábuas podres. A tripulação pode, muitos deles, ao menos, ser inútil e amotinada, e indigna de confiança. Mas ainda há fiéis entre eles. Ainda há esperança para o bom e velho vaso. O Grande Piloto ainda não a deixou. Portanto, permaneçamos a bordo.

---

<sup>21</sup> No original, *churchman*. [N.T.]

## ANEXO

As seguintes citações podem interessar a alguns leitores:

1. Arcebispo Cranmer, no Prefácio de sua *Resposta a Gardiner*, diz:

“Eles (os romanistas) dizem que Cristo está corporalmente presente sob ou na forma do pão e do vinho; nós dizemos que Cristo não está ali, nem corporal, nem espiritualmente. Mas naqueles que dignamente comem e bebem do pão e do vinho, ele está espiritualmente, enquanto seu corpo permanece no céu. Não digo com isto que Cristo esteja espiritualmente presente, quer na Mesa, quer no pão e no vinho sobre ela dispostos, mas que ele se faz presente na ministração e na recepção desta Santa Ceia, segundo sua própria instituição e ordenança.” (Cf. **Goode on the Eucharist**, vol. II, p. 772).

2. Bispo Ridley, em sua *Disputation at Oxford*, diz:

“As circunstâncias das Escrituras, a analogia e proporção dos Sacramentos e o testemunho dos fiéis Pais, deve nos dirigir quanto ao significado das Sagradas Escrituras, no que concerne os Sacramentos.

Mas as palavras da Ceia do Senhor, as circunstâncias das Escrituras, a analogia dos Sacramentos e os escritos dos Pais, da maneira mais efetiva e direta nos provam um discurso figurado nas palavras da Ceia do Senhor.

Portanto, um sentido e um significado figurado devem ser especialmente apreendidos nas palavras ‘Isto é o meu corpo’.” (Cf. **Goode on the Eucharist**, vol. II, p. 766).

3. Bispo Hooper, em sua *Brief and clear confession of the Christian faith*, diz:

“Creio que todo este Sacramento consiste no seu uso; de modo que sem o uso correto, o pão e o vinho em nada diferem do pão e do vinho que são comumente utilizados; e, portanto, não creio que o corpo de Cristo possa ser contido, oculto ou incorporado ao pão, sob o pão ou com o pão; nem o sangue no vinho, sob o vinho ou com o vinho. Mas creio e confesso que o único corpo de Cristo está no céu, à destra do Pai, e que sempre, todas as vezes que usamos deste pão e deste vinho segundo a ordenança e instituição de Cristo, de fato e de verdade recebemos seu corpo e sangue. (Cf. **Hooper’s Works**. Parker Society’s Edition, vol. II, p. 48).

4. O Bispo Jewel diz:

“Examinemos que diferença há entre o corpo de Cristo e o sacramento de seu corpo.

A diferença é esta: um sacramento é uma figura ou emblema; o corpo de Cristo é figurado ou representado em emblema. O pão sacramental é pão, não é o corpo de Cristo; o corpo de Cristo é carne, não pão. O pão está cá abaixo, o corpo está acima. O pão está na mesa, o corpo está no céu. O pão está na boca, o corpo está no coração. O pão alimenta o corpo; o corpo alimenta a alma. O pão se desfará; o corpo é imortal e não perecerá. O pão é vil; o corpo de Cristo é glorioso. Tal é a diferença entre o pão que é sacramento do corpo, e o corpo de Cristo propriamente dito. O sacramento é comido tanto por ímpios como por fiéis. O corpo só é recebido pelos fiéis. O sacramento pode ser comido para juízo; o corpo não pode ser comido senão para a salvação. Sem o Sacramento, podemos ser salvos; mas sem o corpo de Cristo, não temos salvação, não podemos ser salvos.” **Jewel on the Sacrament**. Parker Society’s Edition, vol. IV, p. 1121.

5. Richard Hooker, em sua **Ecclesiastical polity**, diz:

“A presença real do preciosíssimo corpo e sangue não deve ser procurada no Sacramento, mas naquele que dignamente o recebe.

E com isto, a própria ordem das palavras de nosso Salvador concorda. Primeiro, ‘tomai e comei’, então ‘isto é meu corpo, que é partido por vós’. Primeiro, ‘bebei dele todos’, e em seguida ‘este é o meu sangue da nova aliança, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados.’ Não vejo de que modo se pode extrair das palavras de Cristo o quando e como seu pão seja seu corpo, ou o vinho seu sangue, senão no próprio coração e alma daquele que o recebe. Quanto aos Sacramentos, eles de fato exibem, mas de nada do que há escrito sobre eles podemos extrair que sejam ou contenham em si mesmos as graças que por eles, ou com eles, praza a Deus conceder.” Hooker, **Eccl. Pol.**, livro V, p. 67.

6. Waterland diz:

“Os pais bem compreendem que, para fazer do corpo natural de Cristo o real sacrifício da Eucaristia não seria apenas absurdo à razão, mas altamente presunçoso e profano; e que fazer dos sinais externos um sacrifício propriamente dito, um sacrifício material, seria de todo contrário aos princípios do Evangelho, degradando o sacrifício cristão em um sacrifício judaico, sim, e tornando-o muito mais baixo e mesquinho do que o judaico, tanto em valor quanto em dignidade. O modo correto, portanto, seria tornar o sacrifício espiritual, e não poderia ser diferente nos princípios do Evangelho.” **Works**, vol. IV, p. 762.

“Ninguém tem autoridade de oferecer Cristo como sacrifício, quer real, quer simbolicamente, senão o próprio Cristo; tal sacrifício é seu, e não nosso; oferecido em nosso favor, e não por nós, a Deus, o Pai.” **Works**, vol. IV, p. 753.

---

**ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE PECADORES.**

**FONTE**

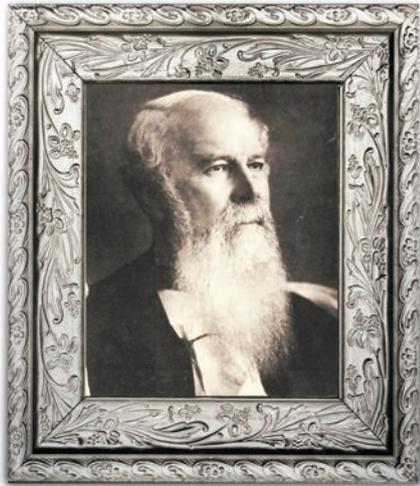
Traduzido de [http://www.tracts.ukgo.com/ryle\\_lords\\_supper.doc](http://www.tracts.ukgo.com/ryle_lords_supper.doc)  
*Todo direito de tradução em português protegido por lei internacional de domínio público*

Tradução: Eduardo Henrique Chagas  
Revisão Geral: Armando Marcos Pinto  
Capa: Victor Silva

***Projeto Ryle – Anunciando a verdade Evangélica.***  
<http://www.projetaryle.com.br/>

*Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Ryle” como fonte, bem como o link do site <http://www.projetaryle.com.br/>. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.*

## John Charles Ryle



John Charles Ryle (10 de maio de 1816 - 10 de junho de 1900) foi o primeiro Bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ryle nasceu em Macclesfield, e foi educado em Eton e em Christ Church, Oxford.

Ele foi um atleta refinado que remava e jogava Cricket pela Oxford, onde ele alcançou um nível de primeira classe em História e Filosofia Greco-Romana tanto antiga quanto moderna e a ele foi oferecido uma comunhão universitária (posição de ensino) que ele declinou. Filho de um rico banqueiro, ele foi destinado para a carreira em política antes de responder ao chamado para o ministério ordenado.

Ele foi espiritualmente despertado em 1838 enquanto ouvia a leitura de Efésios 2 na igreja. Ele foi ordenado pelo Bispo Sumner em Winchester em 1842. Depois de sustentar um pastorado em Exbury, Hampshire, ele tornou-se Reitor (Pastor Presidente) da Igreja de São Thomas, Winchester (1843), Reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk (1844), Vigário da Igreja de Stradbroke (1861), Cânon Honorário da Igreja de Norwich (1872), e Deão da Igreja de Salisbury (1880). Contudo, antes de ocupar o último ofício, ele foi avançado para a nova sé de Liverpool, onde ele permaneceu até sua resignação, que tomou lugar três meses antes de sua morte em Lowestoft.

Sua nomeação para Liverpool foi recomendação do Primeiro-Ministro, que estava deixando a Chefia de Governo, Benjamin Disraeli. Foi em 1880, com 64 anos de idade, ele tornou-se o primeiro bispo de Liverpool. Em sua diocese, ele exerceu um ministério de pregação vigoroso e franco, e foi um fiel pastor em seu clericalato, exercendo cuidado particular sobre retiradas de ordenação. Ele formou um fundo de pensão para o clericalato de sua diocese e construiu mais de quarenta igrejas. A despeito da crítica, ele aumentou as cômputas do clericalato antes de construir uma catedral para sua nova diocese.

Ryle combinou sua presença comandante e defesa vigorosa de seus princípios com graciosidade e calor em suas relações pessoais. Muitos trabalhadores e trabalhadoras compareceram às suas reuniões de pregações especiais, e muitos tornaram-se Cristãos. Ryle foi um forte sustentador da Escola evangélica e um crítico do Ritualismo. Ele tornou-se um líder da Ala Evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.